



ANA CATARINA ROCHA
CLEPUL

Teófilo Braga (1843-1924)

“Ne se lasse d’aimer, ni de le dire”¹

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA:

- *Romanceiro geral português* (nota prévia de Peré Ferré), Lisboa, Vega, 1982.
- *História do Romantismo em Portugal*, Lisboa, Ulmeiro, 1984.
- *Cartas a Maria do Carmo Barros Leite (1864-1909)*, Ponta Delgada, Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, 1994.
- *Contos tradicionais do povo português*, Lisboa, Dom Quixote, 1994.
- *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*, Lisboa, Dom Quixote, 1994.
- *Poesia do direito; Origens poéticas do cristianismo; As lendas cristãs* (prefácio de Maria da Conceição Azevedo), Lisboa, IN-CM, 2000.
- *História da Literatura Portuguesa – Idade Média, Renascença, Seiscentistas, Arcades (1.º, 2.º, 3.º e 4.º vols.)*, Lisboa, IN-CM, 2005.
- *História das Ideias Republicanas em Portugal*, Lisboa, Vega, 2010.

¹ Divisa de Augusto Comte que acompanhava o ex-libris desenhado por Teófilo Braga, nos seus últimos anos de vida, e do qual constava uma cobra – a cobra do conhecimento –, enroscada numa palmeira, de modo a formar-se a letra B, inicial do seu apelido. Traduzindo: “Não se deixe de amar, nem de o dizer”.

² Professor, escritor e jornalista, antigo aluno de Teófilo Braga no Curso Superior de Letras, onde acabou por ser também professor. Viveu entre 1869 e 1940.

³ Agostinho José Fortes, “Teófilo Braga, Professor”, in AAVV, *In Memoriam do Doutor Teófilo Braga – 1843-1924*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1934, p. 7.

Não é a primeira vez que se escreve um texto sobre a carreira docente de Teófilo Braga. Dez anos após a sua morte, Agostinho José Fortes² fê-lo, com grande conhecimento de causa, abrindo uma edição de tributo que contou com os depoimentos de vários admiradores e discípulos do poeta, pensador, historiador, polígrafo e republicano nascido em 1843, em Ponta Delgada.

Nos últimos tempos, porém, das conhecidas polimatia, prolificidade e atividades de Joaquim Teófilo Fernandes Braga, nem sempre se frisa, como se deveria, a sua faceta de docente da Terceira Cadeira de Literaturas Modernas no Curso Superior de Letras da Universidade de Lisboa, vertente de História Literária, cargo que assumiu desde 22 de junho de 1872, contando apenas 29 anos de idade, ao longo de mais de cinquenta anos e que, segundo Agostinho Fortes, era aquela que o próprio mais estimava³. A última fotografia que se lhe conhece, de Pozal, recorda-lhe exatamente esse ar professoral e erudito, sentado, de fraque honrado como uma toga, junto a uma mesa com livros e sobre eles sua mão.

Terá sido por essa altura, 1872, que o seu pensamento rompe clara e endogenamente com o ideal romântico em que de início se formara, não por tendência de caráter, mas por ser essa a educação sentimental dos bancos de escola – fase a que o próprio Teófilo, na sua *Autobiografia mental de um pensador isolado*, terá denominado de “estado de poesia”⁴ –, para se fundar num ideal positivista, influenciado grandemente por Augusto Comte, e que se estendia ao entendimento que da literatura tinha, bem como à abordagem historicista e cientificista em que a afirmou.

Não julgo ser leviano depreender-se a mesma abertura às novas correntes europeias por parte da Universidade de Lisboa, quando se encontrava a disputar o mesmo lugar, para a Terceira Cadeira do Curso Superior de Letras, um dos propugnadores do ultrarromantismo português e partidário do Partido Regenerador, então imperante, Manuel Pinheiro Chagas. Como se sabe, veio a ser um dos alvos da crítica da Geração de 70 e cujo rastilho da Questão do Bom Senso e do Bom Gosto, juntamente com Feliciano Castilho, acendeu, quando em outubro de 1865 Teófilo deparou com o aparato crítico apendicular ao *Poema da Mocidade*, publicado nesse mesmo ano. Com o irrefutável assentimento da qualidade das provas aferidas de Teófilo Braga, independentemente da sua filosofia política, que cedo tinha vindo a tornar pública enquanto ia ganhando em si dimensão, afirmou-se também a autonomia da própria Universidade face ao poder vigente na Câmara dos Pares do Reino. Menciona-o o próprio, em *História das Ideias Republicanas em Portugal*, de acintoso modo: “O interesse literário foi fortalecido pelo partido avançado das escolas superiores; as provas públicas do concurso à cadeira de Literaturas Modernas despertaram a atenção diante de uma manifestação da severidade da nova escola. Castilho considerou essa decisão como uma *cavadeira para a sua sepultura* (Carta a J. Gomes Monteiro)”⁵.

À avaliação dessas provas, de que Agostinho Fortes transcreve a tomada de posse no texto que referi⁶, presidiam António José Viale, Professor da Segunda Cadeira e Diretor interino do Curso Superior de Letras, Augusto Soromenho, Professor da Primeira Cadeira, e Augusto Maria da Costa e Sousa Lobo, na qualidade de secretário, o mesmo que deu, solenemente, a Bíblia a Teófilo Braga para sobre ela honrar-se e selar-se compromisso. Apesar

de anticlerical, não lhe eram estranhos, nem inóspitos, os procedimentos judiciais.

Recordo: açoriano de origem, muda-se para Coimbra em 1861, onde veio a licenciarse em Direito, obtendo grau de doutor em 1868 com a defesa da tese *História do Direito Português*. O facto de se ter formado nessa cidade, nessa época, fê-lo estar no epicentro das convulsões culturais e travar conhecimento com Antero de Quental, cuja preleção das Conferências Democráticas do Casino elogiou, embora lhe criticasse “falta de estudo científico”⁷, e participar com o poeta santo na Questão Coimbrã. Acabará em dissidência por ter este enveredado pela via do socialismo utópico, de ascendência proudhoniana, que cabalmente Teófilo recusou e criticou enquanto via mística inane e coarctante da implementação do regime republicano. Apesar das divergências, à semelhança de Antero, Teófilo também não encontrava na espoleta revolucionária que levasse ao derramamento de sangue o passo para o golpe de mudança, como era ideia presidente à ação jacobinista, responsável pelo regicídio do rei pintor e do seu primogénito. Encontrava-o, antes, num modelo pacificante, de olhos postos na Terceira República Francesa, que se fundou, segundo Teófilo, em conformidade com a “observação científica dos fenómenos sociais”⁸, primeiramente defendidos por Comte, e de raiz democrática confiante na soberania do sufrágio universal.

Em julho de 1872 inaugura, pois, as suas funções docentes, como examinador. É, porém, em outubro, que as aulas da sua cátedra e o seu trabalho de cerebração, estímulo e disciplina científica e intelectual dos alunos verdadeiramente começam. A primeira e sintomática medida foi abolir o uso da *sebenta*, que, tantas vezes, se mal usada, foi instrumento de perpetuação de conhecimentos estanques e de desabilitação crítica. Com este cargo de professor, não era apenas a sua vida que mudara, na medida em que garantia, assim, a sua subsistência ou *aura mediocritas* económica, princípio pelo qual se travava desde os tempos de estudante, desdobrando-se em explicações, traduções de Chateaubriand e artigos para o *Jornal do Comércio*, como alterava de residência, vindo com sua esposa do Porto para Lisboa. A partir desta nova posição, Teófilo Braga tinha o intento e os meios para doutrinar e mudar a vida e a mentalidade portuguesas. Contava com o seu pensamento torrencial, embora de feição programática e sistematizada, espírito argumentativo e tenacidade de trabalho – qualidade que amiúde, naquilo que sobre Braga li, lhe é apontada e de que o próprio se louva⁹. Não é por acaso que o terão acusado de tornar as suas salas de aula “em tribunas de ideias contra poderes constituídos”¹⁰, acusação fortemente dirimida por vários alunos e personalidades de diversas correntes, evitando-se, assim, a demissão do professor.

Como lembrou Óscar Lopes, Teófilo fez parte do grande movimento do século XIX, o movimento revolucionário, de “responsabilização da literatura pela vida nacional”¹¹, no qual se acha Antero de Quental ou Eça de Queirós. O seu trabalho de professor de História da Literatura não podia, por conseguinte, estar desligado do seu cometimento em mudar, ideológica e politicamente, a sociedade, homem de um rosto só que era, como visara Sá de Miranda, autor sobre o qual escreveu em opúsculo de 1871, a par, por exemplo, de Luís Vaz de Camões, que tanto estimava. Preparou súmulas da sua *História da Literatura Portuguesa* para as suas aulas e, mais tarde, como diretor do Curso Superior de Letras, abriu duas cadeiras, de Filologia e de Língua e Literatura sânscrita, convidando os então amigos Adolfo Coelho e Vasconcelos Abreu, entre outras decisões que terão tido, à época, a sua devida importância.

O epistolário enviado a Teófilo Braga em francês e em italiano, preparado por Maria da Conceição Vilhena com base no seu espólio, com morada na Biblioteca de Ponta Delgada, revela uma correspondência intensa com uma multiplicidade de temas e de destinatários de importância intelectual, cultural e política considerável, que vai desde política – onde se destacam as questões ideológicas, religiosas, positivistas e republicanas –, passando por literatura ou latinidade. As cartas assumem-se não só como um testemunho da cultura abrangente de Teófilo Braga, da consideração que tinha no estrangeiro e da sua constante procura do que *se fazia lá fora*, mas ainda, e de não menos relevância, do seu exímio domínio das referidas línguas, que proporcionavam um contacto direto com os autores que inspiraram o seu pensamento positivista, como o lexicógrafo e filósofo francês Émile Littré (1801-1881), com quem se correspondia.

⁴ *apud* Amadeu Carvalho Homem, *A Ideia Republicana em Portugal – o contributo de Teófilo Braga*, Coimbra, Minerva, 1989, p. 25.

⁵ Teófilo Braga, *História das Ideias Republicanas em Portugal*, Lisboa, Vega, 2010, p. 106. Itálico da responsabilidade do autor.

⁶ Agostinho José Fortes, *op. cit.*, p. 8.

⁷ Teófilo Braga, *op. cit.*, p. 104.

⁸ *Ibidem*, p. 113.

⁹ Leia-se, numa carta sua: “Não vale a pena falar-lhe das grandes emoções da minha vida: são quase todas tristes, mas a todas venci. Nunca procurei a alegria, porque vivi e vivo nela, na alegria moral que poucos têm. Esta alegria moral resulta do cumprimento do dever e da certeza de ter sido útil aos outros. Mesmo atravessando períodos difíceis e algumas vezes de miséria, sempre senti a alegria do meu trabalho”, in AAVV, *In Memoriam do Doutor Teófilo Braga*, p. 24.

¹⁰ Agostinho José Fortes, *op. cit.*, p. 9.

¹¹ *apud* Mário Soares, *As ideias políticas e sociais de Teófilo Braga*, Lisboa, Centro Bibliográfico, 1950, p. 4.

¹² Cf. Amadeu Carvalho Homem, “Teófilo na Ilha: primórdios de uma carreira intelectual”, in Teófilo Braga, *Cartas a Maria do Carmo Barros Leite (1864-1909)*, Ponta Delgada, Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, 1994, p. 14.

¹³ Sugiro consultar-se a listagem de obras no verbete da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, vol. 4, p. 1307.

¹⁴ Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa – Idade Média*, Lisboa, IN-CM, 2005, p. 7.

¹⁵ Cf. Mário Soares, *op. cit.*, 1950.

¹⁶ Cf. António José Saraiva, *A tertúlia Ocidental – Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós e outros*, Lisboa, Gradiva, 1995, p. 13.

O princípio que subjazia à docência foi o mesmo que o fez assumir o cargo político de Presidente da sua tão aguardada República, durante o Governo Provisório, entre 29 de maio de 1911 e 5 de Outubro de 1911, e, convocado para completar o mandato de Manuel de Arriaga, que a este renunciara no calor dos acontecimentos do dia 14, de 29 de maio a 4 de agosto de 1915. Apesar de ter assumido a presidência, a sua ação deve considerar-se sobretudo no campo da construção do ideário republicano.

Como se tornou, então, Teófilo uma das figuras essenciais para as alterações sociais e culturais dos séculos XIX e XX portugueses? Muito em parte por aquilo que escreveu e pelo facto de ter tomado o caminho da ciência, do estudo exaustivo e erudito, quando se viu violentamente atacado pelo que a sua veia artística produzia e que, de outra forma, talvez lhe tivesse roubado dedicação exclusiva.

Estreou-se nas lides da publicação quando ainda vivia na ilha de S. Miguel, pela mão de Francisco Maria Supico, no n.º 84 do jornal *A Estrela Oriental*, a 3 de janeiro de 1858, com o poema “A canção do guerreiro”. Esta parceria entre editor e poeta fez nascer, no mesmo ano, o *Meteoro*, um jornal que contou com vinte e sete números e, como o próprio terá confessado, pouco mais serviu do que para publicar a poesia que ia fazendo e aprimorar-se nas artes tipográficas¹². Mais tarde, publicou *Visão dos Tempos* (1864), *Tempestades Sonoras*, do mesmo ano, ou *Ondina do Lago* (1866), livros de poesia estusiasmaticamente acolhidos por Oliveira Martins, entre outros mais afetos ao género do conto fantástico ou recolhas do conto tradicional português.

Teófilo Braga é, pois, um dos autores portugueses com maior obra de fôlego, fazendo publicar, ainda em vida, mais de trezentos trabalhos¹³, sem contar com os artigos de periódicos em que participou, como a revista *Positivismo*, fundada com Júlio de Matos, em 1878. Ramalho Ortigão dizia que não publicava uma vez por semana, apenas porque não havia estrutura de edição que desse vazão à sua pena. Revelou nela, sobretudo a de História, de Filosofia ou de Doutrina, um plano sistémico de conceção positivista, uma visão de conjunto do pensar-se Portugal e o mundo, em suas diversas vertentes, que faz hoje olvidar certas incongruências de que padece, certas páginas mais datadas – que encontra exemplo na defesa da superioridade rática dos lusitanos, como está patente nos seus estudos etnológicos de *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições* (1885) – ou determinadas inculpações próprias do espírito agitado da época em que o republicanismo lavrava os últimos dias da monarquia e a nova escola literária enfrentava os derradeiros suspiros das plêiades românticas.

Uma das suas obras mais polémicas é a já referida *História da Literatura Portuguesa*, em quatro volumes, sobre a Idade Média, a Renascença, os Arcades e os Seiscentistas, com edições *princeps* de 1870 (e, seguidamente, 1909), 1914, 1916 e 1918, respetivamente. Tal condição polémica encontra ilustração, segundo o prefaciador da sua última edição, João Palma-Ferreira, no opúsculo que Teófilo publicou no ano da sua entrada na universidade como professor, *Os Críticos da História da Literatura Portuguesa* (1872), a que a sua pena, em jeito de descaso, fez saber que “[...] nesses países apáticos mais conhecidos pelo nome de terras pequenas, a crítica é sinónimo de maledicência”¹⁴. É Oliveira Martins, porém, quem mais uma vez lhe reconhece mérito, vendo nesta proposta de História nova matriz, capaz de trazer à historiografia portuguesa, segundo ele, a crítica, a dedução filosófica, a síntese e o enquadramento aprofundado que até então faltara e cujos padrões já não vinham de Thierry ou de Gibbon, mas de Vico, Herder, Michelet e Quinet.

Teófilo Braga é, nas palavras de Mário Soares, um dos casos mais curiosos dentro da história da cultura portuguesa¹⁵. Para António José Saraiva, foi o astro invisível que influenciou a órbita dos homens da Geração de 70¹⁶, sem o qual, e mutuamente com eles, a República poderia não ter surgido. Era um homem parcimonioso nos seus hábitos – conta-se que puía as suas roupas porque nesse gesto encontrava a memória do esmero da sua falecida esposa –, mas com uma imensa voracidade e produção intelectuais e com uma ideia e um desejo para o seu país, pelo qual esqueceu as amarguras que a vida lhe trouxe – o próprio Camilo Castelo Branco, vítima de duras teofilianas críticas, lhe dedicou um soneto pela morte dos seus dois únicos filhos, “A maior dor humana” –, vida que dedicou à causa da docência, da ciência e da arte, soberanamente entroncadas na causa republicana, até ver, pela última vez, a 28 de janeiro de 1924, o ainda conturbado céu de Lisboa. ▼